

**A UNIVERSIDADE E SEU PAPEL NO ENFRENTAMENTO DO  
NEGACIONISMO CIENTÍFICO E DO DISCURSO IRRACIONALISTA:  
ALGUMAS REFLEXÕES.**

GONZALEZ, Anderson Luiz;  
PEDRUZZI, Alana.

Andersongonzalez72@gmail.com  
**Universidade Federal de Rio Grande - FURG**

**Palavras-chave:** Negacionismo; Ciência; Saberes populares; Saberes acadêmicos;

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa realizar uma breve análise do papel da Universidade no enfrentamento do negacionismo científico e do discurso irracionalista que perpetua uma ideia de senso comum que nega a ciência em detrimento de um empirismo holístico. O objetivo, para além do supracitado, é questionar, ou, em todo caso, analisar aprioristicamente, se o discurso acadêmico ultrapassa os muros da universidade e chega até as classes populares, ou jaz em sua bolha epistêmica, dificultando a difusão de saberes necessários para o bem estar social, nesse caso de análise em específico, contra o próprio discurso anticientífico.

Almejando tais objetivos, utilizaremos as contribuições de Michel Foucault e Boaventura de Souza Santos para ponderarmos sobre o papel da universidade na sociedade, bem como de outros autores que ajudam a elucidar o contexto social hodierno.

## **2 METODOLOGIA**

Para este trabalho, será realizada uma análise teórica sobre a conjuntura hodierna de negacionismo científico, bem como uma análise reflexiva sobre o papel da universidade em si no combate a este negacionismo, obtendo como objeto de pesquisa e reflexão, o cenário pandêmico de Covid-19, que, até o momento da escrita deste trabalho, continua em ascensão e mesmo assim, com um número expressivo de mortes, que já ultrapassa os 100 mil somente no Brasil, o Governo Federal continua negando e atacando a ciência como forma segura de combate à doença.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para D'Ancona, "A noção de ciência como conspiração, em vez de um campo de investigação capaz de mudar o mundo, costumava se limitar aos excêntricos. Já não é mais assim." (p. 15, 2018). Tal excerto ilustra com boa precisão o atual cenário de ataque à ciência que presenciamos hoje. Mas qual seria a fonte ontológica de tal discurso irracionalista? Para o autor:

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo a autocracia. Mais do que nunca a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, invés de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo. (D'Ancona, p.19, 2018)

Esse desprezo pela ciência já se provou, através da história da humanidade, que costuma sair bem caro à sociedade, como bem podemos constatar através do altíssimo número de mortos em decorrência do mau (ou nenhum) uso de medidas preventivas e materiais de proteção contra o vírus recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em detrimento de certo senso comum, endossado, vergonhosamente, pelo próprio Presidente da República, como por exemplo, o uso da Hidroxicloroquina no combate ao Covid-19, medicamento este, que não possui nenhuma eficácia comprovada pela medicina.

Mas o que tem feito as Universidades para combater tais discursos e ataques à ciência? Obviamente é inegável o esforço que tais instituições têm investido no combate à pandemia e empregado em estudos para a produção de uma vacina. Porém, uma dúvida surge ao longe: será que uma aproximação maior com os povos periféricos e uma possível tentativa de sensibilização não seria uma boa estratégia para evitar que o vírus se propagasse de forma tão violenta? É possível que certa aproximação contribuísse fortemente para que os consensos do senso comum não se difundissem tanto no meio popular.

Segundo Santos:

O conhecimento universitário - ou seja, o conhecimento científico produzido nas universidades ou instituições separadas das universidades, mas detentoras do mesmo ethos universitário - foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades. (SOUZA, 2005 p.28)

É um fato que existe certa barreira epistêmica entre os saberes populares e os saberes acadêmicos. Desta forma, uma modificação na maneira relacional entre esses dois, de preferência mais horizontal, faria total diferença no combate a onda de irracionalidade que ataca diretamente a ciência e seus saberes.

Para Foucault:

O problema não é mudar a "consciência" das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade.

Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico à medida que a própria verdade é poder -, mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia

(sociais, econômicas culturais) no interior das quais ela funciona no momento. (Foucault, 2018, p. 54)

Desta forma, podemos perceber que a maior dificuldade para romper a distância de tal barreira epistêmica entre saberes populares e saberes acadêmicos, é desvincular o poder da verdade produzida pelo discurso anticientífico. Uma possível estratégia para isso seria a sensibilização acadêmica do papel do intelectual na sociedade, que segundo Foucault (2018) é “fornecer instrumentos de análise”. Assim sendo, seria possível produzir conflitos cognitivos entre os discursos científicos e os discursos anticientíficos, possibilitando que os próprios sujeitos sociais chegassem à conclusão de que os argumentos anticientíficos não se sustentam.

Seria então, papel da universidade, propiciar estratégias de aproximação entre o sujeito acadêmico e o sujeito popular, aqui compreendido como aquele que não possui acesso aos saberes acadêmicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a breve análise teórico-reflexiva realizada, constatamos que existe a necessidade de um diálogo mais horizontal e uma maior aproximação entre universidade e sociedade, de forma que se houvesse tal aproximação, as chances de que tivéssemos melhores resultados no combate à pandemia atual de Covid-19, seria incomensuravelmente maior e contribuiria também para combater alguns consensos populares que se opõem aos saberes da ciência, já que, segundo Zygmunt Bauman (p. 01, 2008), “Não são as crises que mudam o mundo, e sim nossa reação a elas.”, portanto, é preciso que instituições com capacidade para tal, não se omitam diante da situação.

Acredita-se que em tempos de negacionismo científico em detrimento de uma abstração empírica, a acessibilidade e democratização do conhecimento, são ferramentas essenciais para vencermos o obscurantismo político, ético e moral que enfrentamos hodiernamente, potencializado pela falta de responsabilidade do atual Presidente da República.

## 5 REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar**. Adriana Prado in ISTOÉ, Ed. Número: 2641 21/08. Disponível em: [https://istoe.com.br/102755\\_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/). Acesso em: 21/08/2020.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**; Tradução: Carlos Szalak. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; - 8º ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.